

DISCURSO DO PAPA FRANCISCO

AOS PARTICIPANTES DO COLÓQUIO “REPARAR O IRREPARÁVEL”
POR OCASIÃO DOS 350 ANOS DAS APARIÇÕES DE JESUS EM
PARAY-LE-MONIAL¹

Sala Clementina

Sábado, 4 de maio de 2024

Queridos irmãos e irmãs!

Estou feliz em recebê-los nesta manhã e lhes dou as boas-vindas. Agradeço a Monsenhor Benoît Rivière e ao Padre Louis Dupont por terem tomado a iniciativa deste encontro no âmbito da celebração do 350º aniversário das aparições do Sagrado Coração a Santa Margarida Maria.

A reparação é um conceito que encontramos frequentemente nas Sagradas Escrituras. No Antigo Testamento, ela assume uma dimensão social de indenização pelo mal cometido. É o caso da lei mosaica, que previa a restituição do que havia sido roubado ou a reparação do dano causado (cf. Ex 22, 1-15, Lv 6, 1-7). Tratava-se de um ato de justiça destinado a salvaguardar a vida social. Por outro lado, no Novo Testamento, ela assume a forma de um processo espiritual, no âmbito da redenção operada por Cristo. A reparação manifesta-se plenamente no sacrifício da cruz. A novidade aqui é que ela revela a misericórdia do Senhor para com o pecador. A reparação participa, portanto, da reconciliação dos homens entre si, mas também da reconciliação com Deus, pois o mal cometido contra o próximo é também uma ofensa a Deus. Como diz Ben Sirac, o Sábio: “As lágrimas da viúva não correm sobre as bochechas de Deus?” (cf. Si 35, 18). Queridos amigos, quantas lágrimas ainda

¹ Fonte: <https://www.vatican.va/content/francesco/fr/speeches/2024/may/documents/20240504-reparer-irreparable.html>. Acesso em 14 de setembro de 2025.

correm pelas faces de Deus, enquanto o nosso mundo conhece inúmeros abusos contra a dignidade da pessoa, inclusive no seio do Povo de Deus.

O tema do vosso colóquio reúne duas expressões aparentemente opostas: “Reparar o irreparável”. Ele nos convida a esperar que toda ferida pode ser curada, mesmo que seja profunda. A reparação completa parece às vezes impossível, quando bens, entes queridos, são definitivamente perdidos ou quando as situações se tornaram irreversíveis. Mas a intenção de reparar e de agir concretamente é fundamental para o processo de reconciliação e para o retorno da paz no coração.

A reparação, para ser cristã, para tocar o coração da pessoa ofendida e não ser um simples ato de justiça comutativa, pressupõe duas atitudes que exigem compromisso: reconhecer-se culpado e pedir perdão.

Reconhecer-se culpado. Toda reparação, humana ou espiritual, começa com o reconhecimento do próprio pecado. “Acusar-se a si mesmo faz parte da sabedoria cristã, agrada ao Senhor, porque o Senhor recebe o coração contrito” (Meditação matinal na capela da Casa Santa Marta, 6 de março de 2018). É desse reconhecimento honesto do mal causado ao irmão, e do sentimento profundo e sincero de que o amor foi ferido, que nasce o desejo de reparar.

Pedir perdão. É a confissão do mal cometido, seguindo o exemplo do filho pródigo que diz ao seu Pai: “Pequei contra o céu e contra ti” (Lc 15, 21). Pedir perdão reabre o diálogo e manifesta a vontade de restabelecer a caridade fraterna. E a reparação – mesmo um início de reparação ou apenas a vontade de reparar – autentica o pedido de perdão, manifesta a sua profundidade, a sua sinceridade, toca o coração do irmão, consola-o e suscita nele a aceitação do perdão pedido. Então, se o irreparável não pode ser totalmente reparado, o amor sempre pode renascer, tornando a ferida suportável.

Jesus pediu a Santa Margarida Maria atos de reparação pelas ofensas causadas pelos pecados dos homens. Se esses atos consolaram seu coração, isso significa que a reparação também pode consolar o coração de todo homem ferido. Que os trabalhos do seu colóquio não só renovem e aprofundem o sentido desta bela prática da reparação ao Sagrado Coração de Jesus, prática que hoje pode estar um pouco esquecida ou considerada erroneamente obsoleta. Que eles também contribuam para valorizar o seu justo lugar no processo penitencial de todo o batizado na Igreja.

Rezo para que o seu jubileu do Sagrado Coração suscite em muitos peregrinos um maior amor de gratidão a Jesus, um maior afeto, e para que o santuário de Paray-le-Monial seja sempre um lugar de consolação e misericórdia para todas as pessoas em busca de paz interior. Dou-lhes a minha bênção. E peço-lhes, por favor, que rezem por mim. Obrigado.

© Direitos autorais reservados pelo Centro de Estudos Léon Dehon – Faculdade Dehoniana.
É permitida a reprodução integral e a livre circulação para fins não lucrativos.
É proibido o plágio e a cópia, total ou parcial, dos textos e desenhos dos autores – para qualquer finalidade – sem citar a fonte.